

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

ALEXANDRE SOUZA DA SILVEIRA

**SOMBRIO: A CIDADE DO CALÇADO. UMA ANÁLISE ECONÔMICA E SOCIAL
DO SETOR NO MUNICÍPIO ENTRE 1980 E 1994.**

CRICIÚMA

2013

ALEXANDRE SOUZA DA SILVEIRA

**SOMBRIO: A CIDADE DO CALÇADO. UMA ANÁLISE ECONÔMICA E SOCIAL
DO SETOR NO MUNICÍPIO ENTRE 1980 E 1994.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Tiago da Silva Coelho

CRICIÚMA
2013

ALEXANDRE SOUZA DA SILVEIRA

**SOMBRIO: A CIDADE DO CALÇADO. UMA ANÁLISE ECONÔMICA E SOCIAL
DO SETOR NO MUNICÍPIO ENTRE 1980 E 1994.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Social.

Criciúma, 11 de dezembro de 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tiago da Silva Coelho - Orientador

Prof. Me. Paulo Sérgio Osório - (UNESC)

Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam - (UNESC)

Este trabalho é dedicado à todos que me apoiaram e me deram forças para que fosse possível chegar ao final, em especial meu pai, que partiu em meio a minha trajetória acadêmica, minha esposa Vanessa e meu filho que está por vir, Pedro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à todos os meus professores e colegas do curso de História da UNESCO. Foram seis anos juntos, construindo e fazendo história da melhor forma, com muita pesquisa, debates, diálogos. Destaco neste grupo principalmente meus professores Paulo, João Zanellatto, Carola, Miranda, Dorval, Lucy e especialmente ao professor Tiago que me aceitou como orientando e contribui demais para o resultado final da pesquisa. Aos meus familiares, por dar o sustento necessário para não desistir ainda nos meus estudos fundamentais. Agradeço especialmente, além da dedicação, minha esposa Vanessa, que esteve comigo do início ao fim do curso me auxiliando incansavelmente para que eu conseguisse concluir este trabalho. Enfim, agradeço à todos que contribuíram de uma forma ou de outra para a finalização deste trabalho.

RESUMO

O presente busca apresentar o avanço da indústria calçadista no município sul catarinense de Sombrio, na década de 1980 até meados da década seguinte. O principal foco no setor nesta pesquisa foi dado às significativas mudanças que houve no período no município socialmente falando, objetivando mostrar como se dava as relações sociais entre os trabalhadores do calçado nos mais diversos momentos de convivência, contribuindo para a formação de identidade bem como para o reconhecimento de classe. Além disso, a pesquisa buscou apresentar explicações para a atual formação do município. Para tal pesquisa, foi utilizado desde dados estatísticos e fontes locais da época, bem como de fontes teóricas para consolidação do assunto. Dados envolvendo questões mais pessoais e do cotidiano do trabalhador ainda foram tomados através de depoimentos orais.

Palavras-chave: Relações sociais. Identidade. Calçado.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| CAPÍTULO I – SOMBRIO: A CIDADE DO CALÇADO | 12 |
| Do rural ao urbano: o crescimento da malha urbana de Sombrio/SC..... | 14 |
| CAPÍTULO II – O TRABALHADOR QUE VIVE DO CALÇADO | 19 |
| A busca de um novo emprego: de onde vinha a mão de obra?..... | 19 |
| O crescimento desordenado..... | 25 |
| O trabalhador do calçado: estrutura e relações..... | 27 |
| O trabalhador doméstico: uma extensão das fábricas..... | 31 |
| O papel dos grupos sociais na formação da identidade do trabalhador no calçado..... | 36 |
| CONCLUSÃO | 40 |
| REFERÊNCIAS | 42 |

INTRODUÇÃO

Se andarmos pelas ruas da cidade de Sombrio, situada no sul do Estado de Santa Catarina, facilmente iremos perceber em algumas construções resquícios de que uma próspera indústria operou pelos bairros da cidade. Se mantermos um diálogo com um de seus habitantes, principalmente aqueles radicados a pelo menos vinte anos no município, com certeza ele poderá confirmar o trecho acima. Ainda mais: não dificilmente essa determinada pessoa possa ter integrado a esse grupo pertencente àquelas fábricas.

Trata-se da indústria calçadista, que durante a década de 1980 e até meados da década seguinte sofreu um grande aumento, tanto em número de fábricas como também em produção de calçados. Esse grande aumento, logo iria trazer para a pequena cidade ruralizada um grande impacto promovendo não só um notório crescimento demográfico urbano como também trazia um novo foco econômico. Além disso, lançava um leque de oportunidades de trabalho para quem procurava.

A partir de então, temos uma cidade, um recorte temporal, um novo ramo industrial despontando e junto à ele um novo grupo de trabalhadores se formando: o trabalhador do calçado. Com isso algumas questões acabam surgindo na intenção de uma explicação maior sobre o determinado fenômeno bem como questões que buscam o sentido de identidade para quem vivenciou ou vivencia ainda o período e a cidade de Sombrio.

Quem era o trabalhador que iria fazer parte da história do calçado no município? De onde veio? Como constituíram as primeiras relações? E como elas contribuíram para o fortalecimento do grupo transmitindo a noção de reconhecimento de uma mesma classe? São essas as principais questões que motivaram a pesquisa apresentada ao longo dos textos. Porém, é normal que outras tantas questões despertem no leitor ao longo de sua leitura.

Para realização da pesquisa as mais variadas fontes foram utilizadas na intenção de dar sustento ao levantamento, desde obras que tratam exatamente da questão no município como também fontes que legitimam o trabalho realizado na ocasião. Além disso, houve a utilização da história oral, onde foi possível coletar depoimentos de personagens que atuaram diretamente na indústria calçadista.

Essa história registrada em depoimentos locais são vozes do próprio trabalhador, capazes muitas vezes de expor situações nem sempre visualizadas nas obras ou órgãos e instituições oficiais que em muitos casos se apresentam como verdadeira voz do operário. Essa afirmação vai a favor do que Sidney Chalhoub traz:

Nota-se, ainda, que o problema do controle social da classe trabalhadora compreende todas as esferas da vida, todas as situações do cotidiano, pois esse controle se exerce desde a tentativa de disciplinarização rígida do tempo e do espaço na situação do trabalho até o problema da normatização das relações pessoais ou familiares dos trabalhadores, passando, também, pela vigilância contínua do botequim e da rua, espaços consagrados ao lazer popular¹.

Chalhoub busca remontar o cenário da capital do Brasil no início do século XX a partir de documentos criminais (laudos, autos, processos, boletins de ocorrência, entre outros). Esses documentos trazem elementos até então não tratados com muito valor tanto pela história oficial quanto pela história social, movidas muitas vezes por movimentos sociais e grupos sociais oficialmente constituídos. Assim como nos documentos criminais, nos depoimentos orais é possível remontar um cenário pouco conhecido do dia-a-dia, além da fábrica; que também ajudará a explicar o operário e suas relações sociais.

Um dos caminhos também a ser discutidos na pesquisa é a migração do indivíduo do meio rural para a malha urbana. Muito comum nas cidades de pequeno porte no Brasil durante a década de 1980, o crescimento demográfico destas regiões urbanas é notório nas cidades que passam a sofrer os reflexos da industrialização injetada pelo governo nacional nas décadas anteriores. Essas cidades ensaiam na realidade não um crescimento urbano, mas sim um inchamento devido as irregularidades estruturais que seguem aumentando junto ao número de famílias. O crescimento em infraestrutura não acompanha o crescimento demográfico. Esse é um fator pesquisado com a finalidade de apontar os reflexos que essa falta de estrutura desencadeia sobre o indivíduo fruto dessa mudança.

“*A Caminho da Cidade*” (1984, 245 p.), de Eunice Durham busca explicar esse movimento migratório expondo que muito além de simples urbanização há também outras mudanças que nos chama atenção, que modifica não só os grandes aglomerados, mas também as pequenas cidades e também no meio rural:

¹ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da *belle époque*. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2001. p. 51

Desse modo, a integração de contingentes crescentes de trabalhadores rurais nas cidades não significa apenas urbanização, mas é um aspecto de uma transformação do sistema sócio econômico que afeta tanto a cidade quanto o campo. Esse problema é de importância crucial porque é necessário reconhecer que não se trata simplesmente de um fenômeno de atração de grandes cidades.²

Eder Sader³ em “*Quando novos personagens entraram em cena*”, além de trabalhar as matrizes discursivas e os movimentos sociais também ajudará a explicar os movimentos migratórios.

Esse novo modo de vida que gira em torno do setor calçadista, impulsiona as mais diversas transformações às sociedades envolvidas. Além das dificuldades em adaptação e instalação na cidade e no emprego, o trabalhador muitas vezes enfrentava situações de exploração e baixa qualidade de vida no trabalho, tanto nas fábricas quanto quem trabalhava em casa. Um dos autores que aborda esse típico problema na sociedade operária brasileira é Ricardo Antunes (2002, 200 p.), tratando do caso como a precarização do trabalho, também abordado durante as pesquisas.

Entre outras questões que serão levantadas durante o período de pesquisa, além de muitas outras que não serão foco de discussões nesse trabalho, faz-se perceber que os principais temas a ser levantados na pesquisa nos remete principalmente a sociabilidade e a consciência entre os grupos. Sendo assim, a pesquisa vai ao encontro a seguinte afirmação de Thompson:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seu interesse entre si, e contra outros homens cujo interesses entre si, e contra homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência da classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou encontram involuntariamente.⁴

Essa pesquisa foi dividida em dois capítulos: o primeiro mais voltado para uma análise situacional do município de Sombrio e os precedentes da indústria calçadista bem como sua gênese. O segundo procura estudar as relações sociais do trabalhador do calçado.

² DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**: A vida rural e a migração para São Paulo. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. p. 39-40.

³ SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.329

⁴ THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. p. 10

É durante o segundo capítulo em que as abordagens de como se dá essas relações é desenrolada. É nesse momento também aspectos sobre suas aspirações, lutas e resistências serão apresentadas. Para isso, o uso dos depoimentos de quem trabalhou no setor é extremamente importante para entendermos melhor essas relações sociais. É nesse momento também que dois importantes pontos serão tratados ao longo do texto no objetivo de entendermos melhor essas relações: o trabalho calçadista domiciliar e a formação dos grupos sociais. Sobre o trabalho domiciliar será abordado principalmente como o trabalho de pequenas atividades calçadistas chegam até as casas, principalmente do meio rural, melhorando a renda dessas famílias, mas também modificando fortemente a rotina desse trabalhador com a exploração nas atividades. Sobre os grupos sociais, será possível perceber como a formação dos mesmos contribui para fortalecimento do próprio grupo, tornando-o mais coeso, articulado e identificado.

CAPÍTULO I - SOMBRIO: A CIDADE DO CALÇADO

O município de Sombrio, localizado no extremo sul do estado de Santa Catarina, tem sua emancipação política datada de 1953, segundo Farias (2000, p. 26). Até então, politicamente o atual território pertencera à Araranguá.

O território, onde hoje se encontra a sede municipal, possui um rio, chamado Rio da Lage, que costeia a cidade e desemboca em uma lagoa. A costa desse rio, constituída de frondosas figueiras servia de local para descanso para os tropeiros, conforme cita Farias:

[...] os tropeiros, ao tangerem o gado pela região, alimentavam suas boiadas junto à lagoa, antes de se aventurarem na subida da serra, utilizando as sombras das figueiras para repousarem. (...) Os tropeiros eram viajantes rotineiros da região, tangendo os gados dos campos gaúchos para São Paulo, utilizando esta trilha em sua caminhada.⁵

O autor cita ainda que o nome do local é dado devido a essa junção da sombra e do rio: “face ao movimento das águas do Rio da Lage, associavam toda essa massa da água da região do rio, identificando essa área do pouso como sendo “sombra do rio”, que evoluiu para Sombrio.”⁶ Aos poucos, esses viajantes passaram a se instalar ao longo de suas rotas formando os primeiros vilarejos que posteriormente se tornariam as atuais cidades da região.

Uma outra explicação para o nome do município pode ser ouvida pelos populares da cidade: o Morro do Sombrio, que ficava a oeste da Lagoa do Sombrio, proporcionava muita sombra entre o morro e a lagoa, tornando o local sombroso e a de certo modo amedrontador aos tropeiros que utilizavam a região como caminho.

Esses colonizadores, que disputaram esses espaços junto aos índios da região eram formados por diferentes etnias, onde a maioria era descendente de luso-açorianos e em menor quantidade italianos, alemães e poloneses, que se apossariam das terras e passariam a viver principalmente da agricultura.

Até 1970, segundo os dados do IBGE de 1993, o município possuía em torno de 18 mil habitantes, sendo que destes 14 mil viviam no meio rural e tinham como principal atividade a agricultura e apenas 4 mil moravam na malha urbana, constituindo a mão de obra do comércio, prestadores de serviços e funcionários públicos.

⁵ FARIAS, Wilson Francisco. **Sombrio 85 anos**: natureza, história e cultura. Sombrio: do autor, 2000 p. 31.

⁶ *Ibidem*, p. 30-31.

Podemos notar uma mudança significativa na década seguinte: o município em 1980 possuía em torno de 23 mil habitantes, sendo que aproximadamente 12 mil estavam no meio rural e 11 mil no meio urbano, uma forte mudança se compararmos aos dados de 1970. Doze anos mais tarde, em 1992, o município possuía em média 26 mil habitantes, sendo 16 mil aproximadamente vivendo no meio urbano e 10 mil apenas no interior do município. Entre esse último período, mais precisamente em 1986, ainda houve a emancipação política do distrito de Santa Rosa do Sul. Com o desmembramento, Sombrio diminuiu consideravelmente o número de habitantes. Ou seja, se não fosse a emancipação de Santa Rosa do Sul, ao invés de 26 mil habitantes, Sombrio teria algo em torno de 31 mil habitantes: 8 mil mais que os dados apontados em 1980.

Facilmente nota-se, a partir dos dados do IBGE de 1993 apresentados acima duas importantes mudanças: 1) o crescimento populacional expressivo no decorrer da década de 1980; 2) a diminuição de habitantes fora da malha urbana, deixando evidente o êxodo rural no município.

Analisando estes dados, a partir da década de 1980 o município se viu diante de uma considerável mudança dentro do ponto de vista econômico e social: a ascensão da indústria calçadista voltada principalmente para fabricação de produtos para exportação. Até então, grande parte de sua receita econômica vinha da agricultura, bem como grande parte da população situava-se no meio rural.

Ainda que de forma tímida, percebe-se as mudanças paulatinamente desse quadro, apontados pelos dados do IBGE de 1993, onde percebemos uma considerável inversão no meio econômico do município como também um aumento gradativo da malha urbana. Era possível observar apenas algumas pequenas indústrias e uma zona urbana pouco desenvolvida até início da década de 1980. Não fugindo deste contexto, a partir do início dessa década, via-se o setor calçadista no município uma produção ainda voltada para um caráter artesanal empregando um número de pessoas muito pequeno.

A partir do ano de 1979, com o investimento de empresas no ramo do calçado do Vale dos Sinos, no Estado do Rio Grande do Sul, os empreendedores sombrienses passam a produzir pedidos de forma terceirizada para essas empresas gaúchas, vindo elevar consideravelmente a demanda de produção nas fábricas necessitando também elevar o número de trabalhadores para suprir a demanda de produção. Em um município voltado basicamente para uma economia agrícola e

uma zona urbana e industrial pouco desenvolvida, vê-se um desafio pela frente, não só para o empregador, mas também para o trabalhador.

Do rural ao urbano: o crescimento da malha urbana de Sombrio/SC

É a partir da década de 1980 que mudanças importantes em se tratando da urbanização do município de Sombrio podem ser destacadas. Mudanças essas que lançam seus reflexos ainda nos dias de hoje onde é possível perceber as mudanças e permanências que se seguem.

Não podemos cair em um determinismo responsabilizando o crescimento da indústria de calçado como o único responsável pelo crescimento populacional do meio urbano de Sombrio. Várias outras hipóteses poderiam aqui ser levantadas. No entanto, assim como em outros municípios da região, é esse impulso industrial local que cria as condições para o crescimento da urbe.

De forma semelhante, viu-se, no decorrer da segunda metade do século XX um crescimento considerável nos demais municípios do sul catarinense, como no município de Sombrio, como se pôde observar nos dados do IBGE anteriormente. Como exemplo podemos citar João Henrique Zanellatto⁷ em seu artigo “*Os operários da cerâmica vermelha de Morro da Fumaça*”. O autor faz um estudo sobre o crescimento das olarias em Morro da Fumaça entre 1970 e 1980.

Os fatores defendidos por Zanellatto referindo-se ao Morro da Fumaça, podem também serem utilizados como condições primordiais para esse aumento populacional no município de Sombrio: a melhoria na qualidade dos serviços de energia elétrica e sua ampliação de cobertura contribuiriam sem dúvidas para a instalação de meios de produção que necessitam desta condição; a sede do município, atualmente, localiza-se às margens da rodovia BR 101, à aproximadamente 240 quilômetros ao sul de Florianópolis e 220 quilômetros ao norte de Porto Alegre. Essa posição geográfica contribuiria para o escoamento da produção do município via 101 não só para essas capitais, mas também para as demais cidades do Brasil e também para os portos da região onde poderia a partir daí exportar o produto para outros países; o impulso da construção civil decorrente de leis de incentivo do

⁷ ZANELATTO, João Henrique. Os operários da cerâmica vermelha de Morro da Fumaça. In: GOULART, Alcides Filho (org). **Ensaio sobre economia sul-catarinense**. Criciúma: UNESC. p. 114.

Governo Federal, como o BNH citado por Zanellatto, contribuiu igualmente tanto para o crescimento de Morro da Fumaça quanto para o Município de Sombrio, porém de formas diferentes: em Morro da Fumaça, esse crescimento proporcionou um aumento na produção de tijolos pelas olarias do município, enquanto que no município de Sombrio, esses incentivos contribuiriam para a instalação e construção das fábricas de calçados.

A produção calçadista de Sombrio era voltado em grande parte para o mercado de exportação, que encontrava facilidades na emissão de seus produtos para fora do país também através de leis de incentivos do governo, conforme nos contempla Beltrão:

As transformações são profundas no município. De empresas (...) com um mercado de abrangência regional, viu-se elevar, a partir de 1979, o número de contratos fechados com as empresas de exportação sediadas em Novo Hamburgo. A atração pelo segmento é imediata, transformando empresas do mercado interno em unidades de exportação visto que, na época, eram oferecidos incentivos para a exportação como isenção total de imposto de renda.⁸

Esse processo de expansão da indústria calçadista de Sombrio que teve seu marco inicial no fim da década de 1970, pode ainda entrar no contexto das políticas de expansão econômica implantadas no país na década anterior, que teve mudanças primeiramente nas grandes cidades e anos mais tarde, refletiu-se também pelo interior.

Outra teoria, também defendida por Beltrão em sua dissertação, é o fato de que Sombrio entra no contexto do surgimento dos núcleos industriais que se formaram nas áreas de colonização alemã pelos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul “decorrentes da acumulação gerada pela pequena produção mercantil, aliada a uma representativa divisão social do trabalho entre agricultores independentes, artesãos, operários e pequenos comerciantes”⁹

Esses pequenos empreendimentos passaram de produtores locais para regionais e, posteriormente consolidando-se nacionalmente. Esse processo fortaleceu-se, em grande medida devido a dificuldade de importar produtos de outros países, decorrente das crises vividas pelos países europeus após a Guerra. Com a falta de concorrência estrangeira, a produção nacional ganhava força. A introdução da indústria calçadista nos anos de 1980 no município se dá a partir de um

⁸ BELTRÃO, Leila Maria Vasquez. **A industrialização em sombrio/SC: gênese e evolução**. 2001. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.83.

⁹ Ibidem, p. 84.

aprimoramento dos pequenos ateliês que já manipulavam o couro na fabricação de botas, tamancas e material para montarias ainda nas primeiras décadas do século XX e desemboca nas primeiras fábricas de calçado onde já se percebe as características de linha de produção industrial.

Cabe lembrar que os contratos para a grande produção de calçados em Sombrio, vieram de indústrias matrizes instaladas no Rio Grande do Sul, na região do Vale dos Sinos, principalmente em Novo Hamburgo, polo calçadista e referência nacional no calçado.

Portanto, fica evidente que na malha urbana do município havia um atrativo que passaria a atrair esse número significativo de famílias para Sombrio. De acordo com Leila Beltrão, o setor calçadista foi um dos maiores responsáveis por esse grande aumento populacional no meio urbano. Em sua dissertação “*A Industrialização em Sombrio/SC: Gênese e Evolução*”, Leila comenta que o ramo é iniciado em 1929 por Guilherme Tiskoski, ainda com moldes que caracterizavam a produção como artesanal. A partir da segunda geração desta família há uma transformação na produção e os traços artesanais desaparecem dando espaço as quatro primeiras fábricas do ramo no local, com implantação de máquinas e divisão das tarefas.¹⁰

Até a década de 1970, o setor no município não sofre grandes alterações na produção, com apenas alguns ateliês produzindo chinelos, botas e sapatos. A partir desta década, mais precisamente em 1979, os donos desses pequenos negócios passam a fechar inúmeros contratos para a produção de calçados voltados principalmente para exportação. Esses contratos provinham principalmente de terceirizações de empresas situadas em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, conforme informa Leila Beltrão:

Com tal impulso, novas empresas foram abertas na região do Vale dos Sinos e se iniciou também, a procura por outras áreas aptas a produzir para este mercado emergente, (...) que lhes permitissem iniciar a produção de forma imediata. Tais condições foram encontradas em Sombrio e também em Araranguá, gerando o chamado “boom” da indústria calçadista, que se refletiu em toda a região, chegando a comportar iniciativas também em Criciúma.¹¹

De acordo com a informação acima de Leila, essa demanda de produção garantiria aos proprietários dessas fábricas uma segurança em investimentos no

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem p.83

ramo, bem como presumia-se que esses investimentos teriam um retorno financeiro garantido.

No entanto, a partir da década de 1990 o quadro próspero do setor calçadista começa a passar por diversas turbulências responsáveis inclusive pelo fechamento de diversas fábricas durante essa década. Segundo Goularti Filho¹², “a partir de meados dos anos 80, o ritmo da produção do setor calçadista se estabilizou, mantendo-se até 1994, seguindo de uma queda abrupta”. Percebe-se que a década de 1990 inaugurou uma nova fase para a indústria do setor têxtil e vestuário catarinense. A abertura econômica e comercial vivenciada pelo Brasil e conseqüentemente refletindo na indústria catarinense, implicou em uma grande queda na produção e no emprego além de uma estabilização na produção. Segundo Goularti Filho.

Em sete anos, de 1993 a 1999, as exportações catarinenses de calçados diminuíram 66,1%, e a oferta de emprego na região sul do Estado chegou a 400 empregados para uma produção de 600 mil pares por ano, a mesma produção da segunda metade dos anos 60, para ambos uma queda abrupta de mais de 90%”¹³

Alcides Goularti Filho¹⁴ ainda coloca que no início dos anos 90, o setor que ocupava um dos quatro principais setores industriais (juntamente com o setor carbonífero, cerâmico e vestuário) na região carbonífera, o setor calçadista abala ainda mais o “parque industrial sul-catarinense”, totalizando uma redução de até 24,3% a oferta de emprego na primeira metade da década de 90.

Não só de contratos sobreviveria esse próspero negócio que atraía a cada dia mais os proprietários das fábricas de calçados em Sombrio. Era necessário também mais mão de obra para que se pudesse alcançar a meta de produção e dar conta dos pedidos que vinham do Rio Grande do Sul. Com isso, o contingente de trabalhadores também sofre um considerável aumento no período.

Em um município onde a principal base econômica era agrícola, a mão de obra nas indústrias acabava sendo uma questão relevante, já que a camada de operários no setor não era o suficiente para suprir a nova demanda dos contratos de produção. A partir deste desenvolvimento industrial calçadista vivenciado no município, começa-se a perceber a migração de trabalhadores vindos de outros

¹² GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. p.500

¹³ Ibidem, p. 352.

¹⁴ Ibidem p. 353.

setores da cidade, do meio rural e também de outras cidades onde a atividade calçadista já havia se consolidado, como Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul.

Passamos, então, a analisar três características importantes para entendermos o período em que o município de Sombrio se consolida em referencia no ramo do calçado e sofre um crescimento expressivo de sua população urbana: a origem do trabalhador do calçado, as mudanças e o crescimento desordenado da malha urbana do município e o reconhecimento da classe trabalhadora como tal, bem como suas lutas e resistências.

CAPÍTULO 2 – O TRABALHADOR QUE VIVE DO CALÇADO

A busca de um novo emprego: de onde vinha a mão de obra?

Os moradores do interior do município puderam perceber a transformação que se teve, com alguns fatores que contribuíram para a insatisfação da vida no campo e a atração que passava a existir com a ascensão do calçado em Sombrio. O descontentamento ia desde a difícil locomoção até a sede do município, a falta de assistência por conta do governo municipal em atender os munícipes do meio rural até as consequências vividas com a grande enchente de 1974, que ainda deixava sua marca entre os agricultores da região.

Outro fator que contribuiu para o descontentamento e a redução da mão de obra na agricultura é a destacada por Luiz Fernando Scheibe:

[...] As transformações socioespaciais ocorridas naquele município acentuam-se com a emancipação do antigo distrito de Santa Rosa do Sul. Estas transformações, entretanto, tem suas raízes num modelo de desenvolvimento econômico que privilegia os grandes capitais em detrimento de pequenos produtores autônomos, não oferecendo condições dignas de sobrevivência no campo, motivando um processo de expropriação e de migração [...], gerando, assim, um processo de concentração populacional no espaço urbano.¹⁵

No destaque, Scheibe aponta dois importantes fatores para levarmos em conta a cerca da diminuição de famílias no meio rural de Sombrio: a emancipação do município de Santa Rosa do Sul, ocorrida em 1988, e também a própria política de desenvolvimento econômico nacional, que se volta na segunda metade do século XX principalmente para o desenvolvimento econômico industrial. No primeiro caso, sobre a emancipação do distrito de Santa Rosa do Sul, encontramos um desmembramento considerável de território voltado para a prática agrícola. É impossível negar que esse desmembramento não implicaria na diminuição do número de habitantes no meio rural sombriense. Entretanto, notamos que esse desmembramento data de 1986, sendo que anteriormente já podemos perceber uma diminuição de habitantes no meio rural do município.

No segundo caso, percebemos que a década de 1980, os pequenos municípios brasileiros, que inclui o município de Sombrio, ainda estão no início dos

¹⁵ SCHEIBE, Luiz Fernando; PELLERIN, Joel. **Qualidade ambiental dos municípios de Santa Catarina: o município de Sombrio**. Florianópolis: FEPEMA, 1997. p. 26.

reflexos da política nacional-desenvolvimentista com base na industrialização, que atinge primeiramente as grandes cidades já a partir da década de 1930, mas que tem um processo não só de continuidade como também de aprofundamento durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985), conforme informa Rodrigo Perla Martins:

Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), existem evidências concretas de que se optou pela continuidade de um projeto nacional-desenvolvimentista, construído no Brasil a partir da década de 30. Independentemente de questões ideológicas, o país alcançou patamares de desenvolvimento, que resultaram, em 1985, na 8ª economia industrial do mundo. Pode-se afirmar ainda que, ao longo do século XX, principalmente a partir da Segunda Guerra mundial, o Brasil foi o país que mais cresceu no chamado Terceiro Mundo.¹⁶

Mesmo que algumas medidas ainda contemplassem as áreas mais atrasadas no desenvolvimento com investimentos em projetos agrícolas, como a SUDESUL¹⁷, havia um maior otimismo relacionado ao desenvolvimento industrial.

Scheibe¹⁸ ainda reforça a ideia de que as atividades agrícolas desenvolvidas no interior de Sombrio, assim como predomina nos demais municípios da região, eram praticadas por minifundiários, que movimentavam sua produção basicamente firmados pela mão de obra familiar.

A modernização da agricultura brasileira, passou por um considerável avanço tecnológico com a implantação de maquinários nas atividades agrícolas, contribuíram para a diminuição da mão de obra no meio rural. Esses trabalhadores, oriundos deste processo de segregação, buscavam novas alternativas de vida e encontraram emprego nas fábricas de calçado na malha urbana do município. A simples facilidade de compra e o acesso a soluções tecnológicas na agricultura como máquinas de plantio, irrigação, pulverização e até mesmo microtratores também ajudam a reduzir a mão de obra nas pequenas plantações do município.

¹⁶ MARTINS, Rodrigo Perla. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no vale dos sinos na industrialização brasileira: exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979.** 2011. 198 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p.62.

¹⁷ A Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL), era uma agência de desenvolvimento regional criada em meados da década de 1950 e extinta em 1990 pelo Governo Federal com o objetivo de promover atividades de estudos e pesquisas na área de recursos humanos e o alavancamento econômico e melhoria social na região, principalmente de comunidades agrícolas.

¹⁸ Ibidem.

Nessa época, meados da década de 1980 muitos deixavam a zona rural e iam trabalhar nessas fábricas, que ofereciam condições melhores do que o presenciado até então na pequena produção agrícola.

Eu era a imagem do típico garoto da roça. Não via muita perspectiva de continuar na roça. Não tinha uma visão aberta. A gente trabalhava lá com a cultura de no inverno colhia mandioca e no verão a cebola, e no meio tempo a cultura de subsistência, é criar uma vaquinha, plantar feijão pro gasto, uma farinha pra comer. Então tu não tinha uma visão da agricultura de ter algo mais, uma renda melhor. Era uma coisa pra manter e a pequena propriedade não te dá muita opção, então a onda era aquela. Todos os filhos daquele pessoal do campo estavam indo pra cidade, era raro os que ficavam, não tinha muita opção. E eu, como não tinha opção e era a indústria que empregava fácil, que não exigia especialização, que deu oportunidade do primeiro emprego, que dava a segurança da carteira assinada de férias e décimo terceiro e um auxílio INSS se fosse necessário, era a indústria do calçado.

O depoimento do sr. João Batista da Silveira¹⁹ remonta um pouco do sentimento de quem vivia no campo e, com empolgação, via o trabalho regulamentado em uma fábrica de calçado como uma ótima opção, se comparada a situação e ao trabalho que realizavam no meio rural. Filho de trabalhadores rurais, buscou ainda na adolescência o trabalho de carteira assinada. Foi parte integrante da indústria Calçados Dani no início dos anos 90 onde trabalhou por três anos e três meses, segundo ele.

A princípio, não houve um deslocamento total dos moradores para a malha urbana. Estes permaneciam residindo nas vilas rurais e utilizavam o transporte coletivo diariamente para o deslocamento até as fábricas. Na medida em que os demais familiares deixavam o trabalho no campo e passavam a ir trabalhar também nas fábricas de calçado, procurava instalar-se então mais próximo de seu novo trabalho. Com esse deslocamento, cresce a procura de casas de aluguel e quando possível, geralmente com dinheiro proveniente da venda das áreas rurais, conseguem adquirir ou construir a casa própria.

Aos poucos, as pequenas plantações voltadas para o comércio local e para subsistência dá lugar a áreas destinadas a criação de gado e plantio de

¹⁹SILVEIRA, João Batista da. Entrevista concedida à Alexandre Souza da Silveira). Sombrio, novembro de 2013. 40 min.

Funcionário público, 34 anos. Trabalhou três anos e três meses no início dos anos 90 na indústria do calçado. Filho de ex-agricultores, deixa o trabalho no campo para buscar alternativa na cidade. Além dele, sua mãe também empregou-se na mesma fábrica. Antes disso, além do trabalho agrícola, já prestava trabalho em sua casa para a indústria calçadista realizando pequenas partes do acabamento do calçado.

eucalipto para reflorestamento, tornando o meio rural cada vez menos denso demograficamente.

Um fato curioso era a grande quantidade de pessoas que se locomoviam do campo para a cidade para trabalhar nessas fábricas no período. A partir da segunda metade dos anos de 1980, viu-se intensificar o número de horários de linhas e de empresas de ônibus para a sede municipal: horários antes direcionados principalmente para a locomoção dos agricultores para poderem adquirir insumos, rações, ida ao mercado, banco, farmácias, é antecipado e dá lugar as linhas que pudessem chegar ao horário de expediente nas fábricas.

Além de uma parcela considerável de trabalhadores que era proveniente do meio rural deste mesmo município, que deixavam suas atividades agrícolas e procuravam atividades mais rentáveis e estáveis, muitos permaneceram morando ainda no interior e deslocando-se durante o dia até a malha urbana para trabalhar nas fábricas de calçado.

Eunice Durham²⁰ coloca que “no Brasil rural, o trabalho agrícola foi e é, essencialmente, uma atividade familiar”. Não diferente, com uma zona rural constituída basicamente de minifúndios, o interior do município de Sombrio dependia fortemente dessa atividade em família para que fosse alcançado a produtividade desejada, que pouco passava de subsistência e um pequeno excedente que era destinado à venda.

Com a busca de uma maior estabilidade financeira, grande parte dessa estrutura de trabalho da família rural se desvencilha provocando consequências que eram sentidas na produtividade rural. Em alguns casos, o colono que buscava nas fábricas de calçado esse acolhimento financeiro, trabalhava a princípio na atividade industrial somente no “entre-safras”, ou seja, quando se exigia menos mão de obra nas atividades agrárias. Mais adiante abandona o trabalho no campo e passa a trabalhar exclusivamente na indústria calçadista, tendo o meio rural somente como residência, que também vem a abandonar em um futuro próximo.

Durham, à respeito dessa evasão do rural para o urbano coloca que o fenômeno vai além de uma mudança físico-geográfica, mas também gera uma mudança geral nos dois meios:

²⁰ DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**: A vida rural e a migração para São Paulo. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. p. 60.

A migração rural-urbana também pode ser considerada como um fenômeno de mudança sociocultural que envolve a transformação dos padrões de comportamento vigentes nas comunidades rurais de onde provêm os migrantes. Esses padrões representam uma forma particular de ajustamento a um contexto geográfico-sociocultural determinado e precisam ser substituídos por outros, que permitam uma adaptação satisfatória às condições urbanas de vida.²¹

Muitos desses trabalhadores do calçado vieram também de outros municípios. Os principais municípios de onde emigraram esses trabalhadores foram os da região sul da AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense), como São João do Sul, Praia Grande, Jacinto Machado e, posteriormente, após a sua emancipação, também trabalhadores de Santa Rosa do Sul. Outro grupo considerável de trabalhadores provém da região gaúcha do Vale dos Sinos, principalmente dos municípios de Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Este último principalmente.

Nos municípios da AMESC, de economia essencialmente agrícola, nota-se motivos de deslocamento semelhantes aos dos trabalhadores provenientes do meio rural do município de Sombrio: incerteza de colheitas prósperas por condições climáticas, implantação de recursos tecnológicos que contribuíam para a diminuição da mão de obra e a busca por atividades mais estáveis contribuindo para a ideia de melhor qualidade de vida no meio urbano, são alguns dos motivos. Entretanto, pelo fato de que esses municípios ficavam distantes do núcleo das fábricas sombrienses e o difícil acesso devido a estradas ruins e falta de horários nos transportes coletivos dificultavam o deslocamento diário desses trabalhadores até às fábricas, como acontecia com os moradores rurais de Sombrio. Segundo depoimento de João Batista, só do município de Praia Grande deslocava-se dois ônibus exclusivamente para trabalhadores do calçado. Outros procuravam casas de parentes onde dividiam alguns gastos da casa em troca de um leito para dormir. O próprio João Batista residiu algum tempo na casa de seus tios.

Devido a dificuldade de locomoção, era necessário o quanto antes estabelecer moradia no município. Isso ocorreu também com os trabalhadores provenientes da Região do Vale dos Sinos. Era comum sair de suas cidades e alugar uma casa em Sombrio, o mais próximo das fábricas possível. Alugava-se pequenos cômodos e, não obstante, mais de uma família sobre o mesmo teto.

²¹ Ibidem, p. 11.

Muitos desses trabalhadores já experientes na área do calçado, por serem da região do Vale dos Sinos se mudaram também para Sombrio com propostas de emprego já feitas na área. Com a procura em alta por moradia, os valores do aluguel também sobiu e, logo que chegavam instalavam-se em uma casa alugada, mas estabelecem o próximo passo: juntar recursos para comprar um terreno, construir uma casa e sair do fantasma do aluguel. Processo semelhante ocorre no fim do século XIX com a industrialização da França, conforme comenta Michele Perrot:

[...] Por um longo período, a reivindicação operária se refere ao aluguel, não à moradia. Desta, fala-se em termo de custo, de peso no orçamento, não de conforto ou espaço. [...] Teme-se trocar a liberdade pelo conforto. [...] Pagar o mínimo possível pelo alojamento, tal é portanto a ambição dos operários [...].²²

A autora, referindo-se ao período da Segunda Revolução Industrial, faz uma análise nas prioridades do operário: era voltada mais para a cidade e seus gastos do que para a própria moradia. Procurava-se gastar o mínimo com o habitacional, menos inclusive do que com vestuários. Este estudo não foi levantado na ocasião em Sombrio, porém, a tentativa de obter um espaço próprio, independente das condições do mesmo era prioridade nas duas sociedades.

Perrot ainda comenta que “em matéria de moradia, os operários exprimem principalmente o desejo de independência.” Buscar um espaço em que se pudesse construir suas famílias próximo de seu local de trabalho, mas longe o bastante para garantir a privacidade nas horas de descanso. Um local próprio sem dever satisfações e valores para o locador nem obrigações e favores para o patrão.

Houve também aqueles que trabalhavam em outros setores e que procuravam no ramo do calçado maior rendimento financeiro e carga horária menor. O fato de que havia evasão nos demais setores da cidade, que demitiam-se destes para trabalhar com calçado, abriam vagas também para novos funcionários nestes setores: segundo João Batista²³ não raro solicitavam-se para balconistas, atendentes, frentistas, auxiliar de mecânica e demais serviços, atraindo aqueles que vinham para a cidade sem emprego certo nas fábricas de calçado. Outro setor que viu funcionários “migrarem” para a indústria calçadista foi o cerâmico, existente principalmente na zona dos morros da Vila Boa Esperança e Retiro da União, cerca

²² PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 102 – 104

²³ SILVEIRA, João Batista da. Entrevista já citada.

de 4 quilômetros do Centro de Sombrio. Não se pode negar também a existência de trabalhadores de outras regiões, cidades e estados que por diversos motivos estabeleceram residência em Sombrio.

O crescimento desordenado

Em uma revista da gestão administrativa municipal do início da década de 1990 lê-se o seguinte: “Sombrio: hoje um moderno município”²⁴. No decorrer do texto intitulado com a frase acima, faz-se um comentário otimista do grande crescimento econômico do município. Entre os fatores que se destacam estão o turismo, a agropecuária e a indústria cerâmica e calçadista. Neste mesmo texto, comentários sobre o crescimento populacional do município que chega à 7,79 % ao ano. Estes dados também puderam ser observados no estudo de 1989 lançado pelo governo do estado intitulado de “Santa Catarina: estudo da evolução populacional: 1970 -2010”. No estudo podemos ler o seguinte:

As projeções ora apresentadas são resultantes de tendências meramente probabilísticas e nada tem de inexoráveis, podendo ser alteradas por transformações sócio-econômicas que venham afetar os municípios. Tais transformações poderão ocorrer espontaneamente ou resultar de intervenções deliberadas do poder público ou de forças comunitárias. (1989, p.25)

E segue:

Exemplos de mudanças de tendências são as verificadas nos municípios de Sombrio e Abelardo Luz, ambos com populações residentes decrescentes durante os anos 70, mas que, devido às iniciativas econômicas das suas comunidades, conseguiram reverter tal situação nos anos recentes. (1989, p. 25)

Neste estudo realizado pelo governo, prevê duas projeções populacionais para o ano de 2010. Na projeção otimista, estimava-se uma população de 50.632 habitantes, enquanto que na projeção pessimista, seria de 43.585 habitantes para o mesmo ano. Os dados do IBGE de 2010²⁵, apontam para uma população no município de 26.613 habitantes, além de uma média estimada para 28 mil no ano de 2013. Um número um tanto diferente das projeções acima. Porém, há de se colocar que os dados levantados não contam com o desmembramento de Santa Rosa do

²⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO. **Sombrio: crescendo com responsabilidade**. Criciúma: Persona, 1992, p.07. Revista da Gestão Municipal

²⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br>> Acessado em dezembro de 2013.

Sul e Balneário Gaivota. Juntos os dois municípios atingiriam um número de habitantes entre as previsões levantadas pelo estudo encomendado pelo Estado.

Ainda na revista da gestão municipal de 1992 lê-se o seguinte: “Sombrio é o terceiro município que mais cresce no Estado de Santa Catarina.”²⁶ Esse crescimento, como se viu em grande parte da malha urbana tem como principal fator a mão de obra abundante nas fábricas de calçado do município. Conforme o que foi visto, era comum casas ainda inacabadas servirem de moradia para essas famílias. O que se objetivava era sair do aluguel, e muitas vezes, loteamento ainda projetados, sem o mínimo de infraestrutura, já recebia novas casas. Vejamos a análise de Scheibe:

A periferia da cidade constitui-se na área de expansão mais recente, apresentando quase que exclusivamente construções com função residencial. Nelas muitas ruas estão apenas parcialmente implantadas, apresentando descontinuidades.²⁷

Mais à frente, ainda relacionando-se sobre a ocupação urbana do município Scheibe comenta:

O aumento do contingente populacional urbano agravou ainda mais as condições da infra-estrutura básica do município, que não contava com um Plano-Diretor e nem com um planejamento adequado para absorver a demanda. (...) Além do desemprego, que hoje (1994) atinge números assustadores, existem graves problemas de moradias e de saneamento básico – que as administrações públicas do município não têm ainda conseguido resolver. (...) Como conseqüência da grande migração e em contraposição a uma falta de infra-estrutura municipal começam a surgir os loteamentos clandestinos. Estes loteamentos tem sido abertos sem regularização prévia e sem infra-estrutura mínima necessária (...) tendo aflorado de maneira assustadora na década de 1980.²⁸

Apesar de ter sua área urbana planejada, o município de Sombrio vê durante a década de 1980 um crescimento desordenado muito grande devido ao acolhimento do contingente de trabalhadores, conforme visto anteriormente.

Uma cidade que possui dificuldades de acomodar as novas famílias que buscam uma melhor condição de vida, sem dúvida terá em seus próprios habitantes o reflexo dessa falta de estrutura. Esses habitantes, em especial o trabalhador do calçado, procurava dentro dessas situações criar a sua identidade a partir do

²⁶ Ibidem p.07

²⁷ SCHEIBE, Luiz Fernando; PELLERIN, Joel. **Qualidade ambiental dos municípios de Santa Catarina**: o município de Sombrio. Florianópolis: FEPEMA, 1997. p.51

²⁸ Ibidem p.55-56

convívio com essa nova sociedade que se forma, repleta de diferenças entre seus personagens, mas que se identificavam em suas lutas e resistências.

Assim como comenta Eder Sader²⁹, ao analisarmos as diversas dimensões da vida do trabalhador, cometemos também um “alargamento do espaço da política”, pois percebemos que não somente nos cenários tradicionais de lutas de classe – como no sindicalismo -- que surge um novo sujeito dotado de características peculiares, das novas “identidades coletivas”, com sua própria linguagem e valores. Esse novo sujeito coletivo passa a se afirmar das mais variadas formas, como podemos ver no trecho abaixo:

Eram os novos movimentos de bairro, que se constituíam num processo de auto-organização, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma nova sociabilidade em associações comunitárias onde a solidariedade e a auto-ajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os novos movimentos sociais, que politizavam antes espaços da esfera privada.³⁰

É também diante desses novos movimentos sociais que o trabalhador do calçado sombriense foi construindo a sua identidade social. A seguir, passamos a analisar a constituição de classe a partir desses três ambientes: o ambiente de trabalho, a família e os grupos sociais.

O trabalhador do calçado: estruturas e relações.

Se a década de 1980 no município de Sombrio causou grande euforia para alguns, para outros, apesar de certas conquistas, também foi um período de grande dificuldade. Esse novo sujeito, apresentado no capítulo anterior, que surge no meio urbano constrói dentro de seu campo de trabalho e sua prática cotidiana a sua identidade social, tornando um grupo mais articulado, coeso e singularizado.

Se por um lado as condições de trabalho nas fábricas produziam certa revolta entre os trabalhadores, por outro eram essas fábricas que produziam no trabalhador também um certo orgulho, pois esses sujeitos se viam como peças fundamentais que contribuía para a prosperidade da cidade e, logo, de uma possível condição de vida melhor.

Existia muito o sentimento de pertinência de tu pertencer aquele grupo, sabe. Acho que é muito comum na sociedade aquela questão de tu ter um

²⁹ SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.20

³⁰ Ibidem p.36

certo orgulho de pertencer a um grupo. A minha turma era aquela lá, eu tinha meus amigos, as pessoas que eu me relacionava. E eu tinha um pouco de orgulho sim de trabalhar também, eu gostava do meu serviço lá, embora a gente não se sentia valorizado.³¹

O depoimento de João Batista da Silveira conduz o discurso de identidade e reconhecimento de classe, além do orgulho de se ver como parte integrante da grande movimentação que se deu na indústria calçadista. Além disso, percebe-se que João Batista, ainda na adolescência e pela primeira vez, deixa a família no meio rural e vai buscar sua independência financeira. Esse fato contribui ainda mais para aumentar o orgulho dele e dos demais que passam por situações semelhantes, depositando ainda mais seus créditos na indústria calçadista.

Dentro das fábricas os trabalhadores eram submetidos as mais diversas condições de trabalho em uma jornada de labuta que se iniciava pontualmente às sete horas da manhã. Não diferente de outras indústrias, a divisão de tarefas entre os trabalhadores no interior das fábricas de calçado obedecia sempre uma ordem hierárquica onde o poder constituía-se de cima para baixo. Era assim que funcionava indo de patrão para o gerente geral, que por sua vez estavam acima dos encarregados gerais de setores, que possuíam ainda os encarregados de cada linha de produção, as chamadas esteiras. Os encarregados das esteiras ainda estavam acima de todos os outros funcionários de sua ala.

Eu trabalhei três anos e três meses dentro [da fábrica] do Russo. Dos caras que ocupavam o alto escalão foram sempre as mesmas pessoas. Tinha um gerente geral, ele respondia diretamente ao russo, e tinha os setores. Na produção tinha um encarregado que era o Derci, ele era o chefe geral da produção, tinha um no almoxarifado e tinha um outro que era no corte. Ai tinha os chefes de setores que era a montagem e a costura. A questão da ascensão dentro era muito difícil por que como eu fiquei ali três anos e nunca mudou a parte dos encarregados não tinha então como subir.³²

O depoimento acima de João Batista dá ideia de como era a divisão hierárquica dentro das fábricas. Além desta forma de organização, típica em grande parte das fábricas, o depoimento chama atenção sobre a forma estática que os cargos, principalmente os de maior remuneração, eram organizados. Com baixa especialização técnica e sem oportunidade de aperfeiçoamento ficava difícil entre os trabalhadores que ocupavam os cargos de menores salários – os chamados serviços gerais – aprender uma profissão e passar a ganhar um maior salário. Um outro depoimento, de Teonaz Goulart já traz um outro discurso:

³¹ João Batista Silveira entrevista já citada.

³² João Batista Silveira entrevista já citada.

Muitas vezes pegava ele sabendo, mais muitas vezes eles aprenderam dentro da fábrica, a gente ensinava... ensinava certo como tu quer, pegava um e ensinava, aquele que já vem sabendo, tem muitas coisas que tu não vai gostar. Até tu explicar pra eles que tu não quer aquilo, e às vezes eles teimam que é aquilo ali, e tu ensinando do teu jeito ele vai aprender do teu jeito e não do jeito que já vem.³³

O sr. Teonaz era gerente geral da Calçados Dani pertencente à família Tiskoski, no qual trabalhou dezessete anos. No depoimento, ele coloca que os “cargos de profissão” eram ocupados por gente do próprio local, que se especializavam durante o próprio momento de produção “entre uma brecha e outra de serviço”. Segundo ele, era política da empresa apostar na mão de obra local ao invés de trazer mão de obra especializada de outras cidades-polo. Essa estratégia, segundo Teonaz, mostrava em como a empresa se preocupava socialmente com seus habitantes locais, porém também dá uma outra noção que era conveniente ao empresário: remuneração mais baixa e menor chance de articulação política e sindical dos trabalhadores, já que os mesmos não possuíam as mesmas experiências de luta quanto ao profissional que vinha da cidade de Novo Hamburgo, por exemplo. O sr. Teonaz coloca abaixo como se dava essa relação do trabalhador portador de mão de obra especializada em diferenciação com o trabalhador local:

A turma daqui não, mas a turma de fora eles sentiam. Eles se achavam. O daqui não: ficavam quietinho encolhido e os de fora mesmo não sabendo porque tinha muita gente que não sabia, vinha aqui e ganhava uma fortuna e os coitadinho daqui era uma coisinha.³⁴

Porém nem todas as fábricas utilizavam essa estratégia. Muitas delas apostavam na mão de obra vinda de outras localidades e já com especialização. Leila Beltrão, em seu estudo sobre a gênese da industrialização de Sombrio coloca que:

O trabalho mais especializado, sobretudo no que se referia a organização da produção, dependia da vinda de trabalhadores qualificados e experientes da região de Novo Hamburgo, formando uma certa “classe média” assalariada, até então inexistente.³⁵

³³ GOULART, Teonaz. Entrevistado em novembro de 2013. Natural de Morro da Fumaça, mudou-se para Sombrio ainda criança. Realizou um curso de modelagem em Novo Hamburgo, voltou para Sombrio no início dos anos 80 onde gerenciou a Calçados Dany por cerca de 17 anos.

³⁴ Teonaz Goulart, entrevista já citada

³⁵ BELTRÃO, Leila Maria Vasquez. **A industrialização em sombrio/SC: gênese e evolução**. 2001. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Esse trabalhador que vinha do Rio Grande do Sul chega na cidade de Sombrio com alguns anos à frente em matéria de trabalho e convívio nos interiores de uma indústria. Já o trabalhador natural do município até então conhecia uma realidade de trabalho num ritmo diferente com um conceito de produção mais voltado à linha artesanal. O impacto ainda era maior àquele que vinha de outras realidades como o trabalhador rural. Este encontra uma nova noção de tempo e jornada de trabalho toda regrada por horários de refeições, expedientes, grades, pedidos e prazos: “Era uma rotina maçante, era uma rotina escravizadora. A rotina era muito dura, tu chegava lá tu não via mais nada... Tinha muitas fábricas difíceis,” reforça João Batista.³⁶

Eder Sader, analisando a situação do operariado paulista da década de 1970 percebe que esta hierarquização dentro das fábricas se dava como normal. Sader aponta que “adentrar o espaço da fábrica era ingressar num lugar de ordem e disciplina definidos “de cima” por autoridades desconhecidas, mas cujos olhos e braços se faziam sempre presentes”.³⁷

Se compararmos com o caso da industrialização de Sombrio, notamos aqui a semelhança acerca da hierarquização, porém há certa diferença na forma de contato entre os grandes chefes e seus subordinados. No caso de São Paulo, a modernização das fábricas e suas dimensões – muitas delas multinacionais – evitava o contato direto entre chefe e operário. Já as fábricas de Sombrio, eram constituídas de uma forma mais simplificada onde não raramente o dono das fábricas se fazia presente em meio à produção.

No caso da industrialização paulista a inovação e modernização tecnológica das grandes indústrias dificultava inclusive o contato entre os trabalhadores para possíveis articulações, mas mesmo assim, suas dimensões também favoreciam para uma grande concentração de operários. Nas fábricas sombrienses, de menor porte e maquinários simplificados, o contato entre os empregados era por um lado facilitado, entretanto, esse contato direto muitas vezes tornava-se difícil devido a presença constante dos donos das fábricas.

Apesar do posicionamento na ordem de poder que um funcionário tinha, não era difícil este melhorar sua posição e conseqüentemente seu salário. Como a

³⁶ João batista Silveira, entrevista já citada

³⁷ SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 75.

mão de obra nem sempre era abundante e a produção do calçado nem sempre requer uma grande especialização, era comum um funcionário que entrava na fábrica realizando serviços gerais como “passar cola” ou ajudante do setor de corte em pouco tempo aprender a profissão de montador ou cortador. O sistema de funcionamento na produção de uma fábrica de calçado é também comentado por Lídia Licínio Frassetto, no seu estudo sobre as fábricas de calçados em São João Batista:

Na montagem normalmente as operações são realizadas em um ritmo ditado por uma esteira rolante, onde ao lado desta ficam vários operários, cada um desempenhando uma atividade diferente, ao final da esteira o calçado sai montado, pronto para o acabamento.³⁸

O estudo realizado pela autora traz a realidade de outra cidade catarinense duas décadas depois do frenesi calçadista na cidade de Sombrio. No entanto entre os vinte anos de diferença pouca coisa mudou nos maquinários e na forma de produção do calçado onde, segundo a autora, a produção é “ditada” pela esteira. Já alguns equipamentos, como máquinas de montagens, conformadeiras, lixadeiras, estufas, prensas e balancinhos³⁹, que funcionam geralmente com energia elétrica, resistências térmicas ou a ar, só podem ser operadas com a ajuda de um operário. O manuseio dessas máquinas é de fácil entendimento e é feito geralmente com o acionamento de pedais, alavancas e botões. Para aprender uma nova profissão o operário precisa apenas de um pouco de prática e de uma oportunidade dada pelo seu encarregado perante a máquina.

O trabalhador doméstico: uma extensão das fábricas

Para aqueles que não iam até as fábricas, existia ainda a produção terceirizada dos ateliês. As fábricas de calçados, por muitas vezes não comportavam muitos operários em suas instalações e mais valia a pena enviar a produção de

³⁸ FRASSETTO. Lídia Licínio. **A indústria de calçados de São João Batista (SC):** Caracterização do sistema de produção. 2006. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p 74..

³⁹ As máquinas citadas são essenciais para a produção do calçado e estão presente deste as mais modernas fábricas até as que ainda conservam antigos equipamentos. A conformadeira é uma máquina térmica em que o cabedal, ainda sem sola é submetido ao ajuste da altura de sua parte traseira; As lixadeiras tinham como objetivo proporcionar a aderência necessária para que fosse aplicada a cola; As estufas, operadas por resistências térmicas auxiliavam na ativação da cola; As prensas, geralmente eram utilizadas após a aplicação da sola no objetivo de garantir melhor a colagem; Os balancinhos, são máquinas utilizadas para o corte das peças do calçado.

cabedais⁴⁰ que tomavam mais tempo para fora dos recintos das fábricas. Em outros casos, para acelerar a produção que tinha prazo de entrega mandavam a produção mais simplificada, ou seja, que não dependeria diretamente de maquinários, para os ateliês ou até mesmo residências. Sobre esse modo de produção Valentin Vazquez de Prada comenta:

A ampliação do mercado e a organização capitalista da produção fizeram triunfar um novo sistema, o do trabalho no domicílio, ou *domestic system*, também chamado pelos historiadores alemães *Verlagsystem*, pois a ação do empresário (*verleger*) era fundamental. O empresário fornecia a matéria prima e, por vezes, fazia adiantamentos aos artesãos, que trabalhavam nas suas casas a um preço geralmente estabelecido por peça.⁴¹

Sem o empresário, esses pequenos produtores não conseguiam colocar esses produtos no mercado, como afirma Prada. Isso pelo fato de que os próprios donos das fábricas tinham o domínio da matéria-prima e também das condições para escoar a produção ao consumidor, afinal, para que o produto fosse finalizado – não só sua produção, mas também a expedição – necessitava de uma estreita relação com as empresas detentoras dos contratos de produção. A origem deste meio de produção, de acordo com Prada, “provém não só do capitalismo como também da divisão do trabalho, que obrigava a decompor o processo da produção em várias fases.”⁴²

Esse produto nunca chegaria ao todo em um único local, exceto na linha de montagem, que se situava na própria fábrica. Assim como um operário é especializado na realização de uma única tarefa, os trabalhadores dos ateliês ou as famílias que “faziam sapato” em casa jamais conseguiriam ver a finalização do produto fruto de seu trabalho. De forma semelhante, Paul Singer⁴³, citando Adam Smith coloca o exemplo da produção de alfinetes. Smith comenta que um operário não treinado e não familiarizado com os instrumentos de trabalho presentes em determinada situação jamais conseguiria produzir mais que vinte alfinetes por dia se trabalhasse sozinho, mesmo apesar de muito esforço. Em um recinto analisado por

⁴⁰ Cabedal: parte do calçado parcialmente constituído, ainda sem sola, palmilha, cadarços, fivelas e outros adornos, parte geralmente constituído por couro ou napa.

⁴¹ PRADA, Valentin Vazquez de. A indústria caseira. In MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flavio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História Moderna através de textos**. São Paulo: Contexto, 1989. p 50.

⁴² Ibidem p.50

⁴³ SINGER, Paul. **A formação da classe operária no Brasil**. 2 ed. Campinas: Atual, 1985. p. 11.

Smith que possuía dez empregados apenas, eram produzidos em média 4800 alfinetes diariamente, isso graças ao trabalho dividido em setores onde cada um desempenha um ofício especial e não realiza mais que 3 ou 4 operações distintas.

Singer mostra que essa larga produção é o segredo da superioridade do modo capitalista de produção em comparação com o modo artesanal.

Segundo ele, dessa forma o patrão possuía muito mais o domínio do produto e venda como também poderia produzir uma quantidade muito maior por um preço muito menor, regularizando o “justo preço” dos produtos. Essa era a realidade da relação dos ateliês com as fábricas de calçados no município de Sombrio: acelerava a produção de pares/dia nas fábricas, barateava o custo da mão de obra – logo do produto final, detinha a produção final do objeto assegurando-o seu poder sobre o trabalho.

As principais partes do calçado que iam para essa produção domiciliar, eram algumas peças do corte que incluíam laços, tranças e fivelas. Esses acessórios eram levados até as fábricas onde eram costuradas junto ao restante do cabedal, e logo em seguida era levado para a esteira de montagem onde era agregado a palmilha e a sola, finalizando o processo de produção do calçado.

A produção a domicílio era um meio bem aceito para os empresários, pois assim, gastos como energia elétrica e estrutura física não eram necessários. Além disso, pelo fato de se caracterizar um trabalho informal, a despesa de mão de obra era muito baixa. Muitas fábricas utilizavam essa “estratégia de redução de custos”, segundo Goularti Filho⁴⁴, “desverticalizando sua produção”. O objetivo era de desonerar suas empresas bem como agilizar a produção dentro das fábricas.

Além de reproduzir a baixa qualidade de vida com rendas irregulares e insuficientes, esse trabalho domiciliar reproduziria cargas excessivas de trabalho e a mão de obra infantil. Era comum estender-se pela noite e finais de semana com o objetivo de garantir maior renda ou até mesmo terminar pedidos em tempo, já que viviam pressionados pelos patrões. Sem regularização e fiscalização de leis trabalhistas, as crianças ajudavam os pais nessas atividades, já que era de fácil realização e não exigia técnicas aprimoradas.

⁴⁴ GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. p. 350.

Ricardo Antunes, nas obras “*Os sentidos do trabalho*” e “*Adeus ao trabalho?*”, faz uma análise sobre as condições de trabalho que muitos se submetem a fim de manter sua sobrevivência. Essa precarização do trabalho comentada por Ricardo Antunes e que o cotidiano do trabalho domiciliar do calçado representa muito bem, ia desde a regressão dos direitos trabalhistas como também de condições insalubres e desumanas vividas pelo trabalhador.

Antunes defende que a nova *classe-que-vive-do-trabalho* deve ser entendida muito além daquela presenciada nos modelos *taylorista* e *fordista*, vividas em grande escala no século passado. Ela reincorporou novas dimensões reavendo os sentidos do trabalho material e imaterial, bem como a classe trabalhadora atual, encontrada muito mais fragmentada e complexificada. Essa nova morfologia do trabalho é analisada pelo autor de forma comparatória, onde ele coloca que no mesmo momento em que vivenciamos a era da *informatização* do trabalho, com o avanço da era digital e da informática, também presenciamos a época da *informalização* do trabalho.

No caso de “trabalho em domicílio”, sua utilização não pode abranger inúmeros setores produtivos, como a empresa automobilística, a siderúrgica, a petroquímica etc. Mas onde ela tem proliferado, seu vínculo com o sistema produtivo capitalista é muito mais evidente, sua *subordinação ao capital é direta*, sendo um mecanismo de reintrodução de formas *pretéritas* de trabalho, como o *trabalho por peça*, de que falou Marx, o qual o capitalismo da era da mundialização está recuperando em grande escala.⁴⁵

Em seguida, Antunes exemplifica com o caso da Benetton e Nike, que utilizam essas técnicas em seus países de produção, que dividindo suas produções em escalas domiciliares, domésticos ou em pequenas quantidades, com o intuito de aumentar sua produção sem aumentar o custo com a peça.

Essa característica é encontrada nas mais diversas formas e modalidades do trabalho precarizado. Esse novo contingente de trabalhadores realizam atividades desregulamentadas com carga horária excessiva, de forma terceirizada ou autônoma, sem qualquer garantia de direitos trabalhistas. Não é raro ainda, dentro dessa modalidade, encontrarmos crianças auxiliando nas atividades bem como também uma indistinção do espaço de trabalho com o espaço de descanso e lazer domiciliar.

⁴⁵ ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8 ed. Campinas: Cortez, 2002. p. 115.

Então naquela época se botava gente de menor, de sete, oito, nove, botava uns toquinho de pau para eles subir em cima para poder trabalhar porque não tinha gente (...) Podia trabalhar de menor, nós botava. Hoje é difícil botar gente de menor, não pode, é totalmente diferente.⁴⁶

No depoimento, Teonaz afirma que tanto nas residências, ajudando a mãe na produção dos calçados, como também nas próprias fábricas era utilizado a mão de obra infantil. Nas fábricas, como se requeria mais agilidade, geralmente os pequenos desempenhavam a função de auxiliar levando notas, cabedais de uma esteira à outra como ainda servindo água ao longo das esteiras para que se evitasse que o trabalhador desocupassem seus postos.

Essa característica de produção favorece, segundo Antunes, ao *trabalho reprodutivo doméstico*, onde principalmente o trabalho feminino ganha enorme importância.

O trabalho informal do calçado realizado nas próprias residências contribuiu para o desenvolvimento familiar com o aumento do rendimento financeiro, mas também contribuiu com o aumento do trabalho precarizado e desregulamentado.

Essa desvalorização ganha ainda mais intensidade com a divisão sexual do trabalho, onde encontramos as mulheres realizando tarefas de maiores intensidades e menos valorizados conforme nos coloca Antunes sobre as novas formas de divisões de trabalho. Em suas próprias palavras:

A expansão do trabalho feminino tem se verificado sobretudo no trabalho mais *precarizado*, nos trabalhos em regime de *part-time*, marcados por uma *informalidade* ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuado em relação aos homens, além de realizar jornadas mais prolongadas.⁴⁷

Antunes remete bem ao caso das *sapateiras* de Sombrio. Com o ganho contabilizado por peças feitas, utilizavam a própria casa como local de trabalho e se estendem a uma extensa jornada de trabalho. Essa jornada de trabalho se intensifica ainda mais já que essas mulheres ainda eram as responsáveis pelo trabalho doméstico.

A jornada de trabalho da mulher é duplamente realizada, já que na sua esfera privada ela deve dividir seu tempo entre os cabedais, cuidado com a casa além de assegurar a educação dos filhos. Conforme nos aponta Ricardo Antunes,

⁴⁶ Teonaz Goulart, entrevista já citada.

⁴⁷ ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8 ed. Campinas: Cortez, 2002. P. 108.

nessa situação a mulher é explorada duplamente pelo capital já que primeiro ela é explorada em seu *trabalho produtivo* pelo próprio capital e segundo,

[...] no universo da vida privada, consome horas decisivas no *trabalho doméstico*, com o que possibilita a sua *reprodução*, nessa esfera de trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria.⁴⁸

Apesar da intensa participação da mulher nas atividades do *trabalho produtivo*, é válido dizer que mesmo assim, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho é fruto da luta em prol a emancipação e independência da mulher em busca da autonomia perante ao homem.

O papel dos grupos sociais na formação de identidade do trabalhador

Uma outra dimensão de análise, são os diversos grupos e núcleos ao qual faziam partes os trabalhadores das fábricas de calçado de Sombrio. Não somente o sindicato poderia ser considerado um grupo de apoio em prol das lutas e resistências desses trabalhadores. Além dele diversos espaços como as associações de moradores, grupos religiosos e até mesmo times de futebol proporcionavam um amplo espaço de coesão e discussão entre os membros em favor de suas próprias articulações.

Tinha sim, na Vera calçados existia dois times que inclusive eu joguei num deles. Nós se enfrentava entre si mais também jogava fora. Tinha até ônibus e nós ia jogar longe às vezes e também com o time de outras fábrica. E eu sabia que isso era uma estratégia da firma pra melhor rendimento nosso mais também isso acabava unindo nosso grupo.

No depoimento de Manoel Tristão⁴⁹ “Apolo” acima, é possível perceber a intenção da empresa com esses grupos desportivos, mas por outro lado dá condições aos trabalhadores de se articular em grupos de coesão fora dos espaços da fábrica.

Em alguns casos, era nesses espaços que se construíam ideias que só depois eram abraçadas pelo sindicato. Além do mais, estes costumavam ser mais

⁴⁸ Ibidem p. 108.

⁴⁹ TRISTÃO, Manoel Duarte. Entrevista concedida à Alexandre Souza da Silveira. Sombrio, novembro de 2013. 2f. Natural de Sombrio, 44 anos. Começou a trabalhar no ramo ainda com 08 anos de idade na profissão de engraxate. Ainda antes dos 15 empregou-se em um ateliê. Trabalhou nos anos 80 na Vera Calçados e na década de 90 liderou o Sindicato do Calçado em Sombrio. Hoje continua trabalhando no calçado na cidade.

abrangentes, já que para pertencer a alguns desses grupos eram mais fáceis do que a aceitação do próprio sindicato, que muitas vezes segregava os trabalhadores informais. Essa segregação acontecia já que com o trabalhador realizando as atividades informais domésticas, não era possível o mesmo fazer parte do sindicato, disponível apenas para o trabalhador formal das indústrias. Esse tipo de organização, seja dentro da própria família, time, grupo litúrgico e até mesmo no bar da esquina, são espaços cotidianos dignos de análise, muito longe de ser um espaço inerte, sem manifestação, local de opressão, monótono. Segundo Eder Sader, analisando os grupos sociais e as *matrizes discursivas*:

Esses valores foram produto da própria vida dessas comunidades. As relações primárias de solidariedade e as referências cristãs induziram a reelaboração idealizada de uma vida comunitária do passado rural. Nesse quadro se produz uma forte coesão interna e um reconhecimento pessoal construído à base da confiança entre seus membros. É a partir dessa sociabilidade primária que seus membros efetuam uma reelaboração das experiências cotidianas de existência, com categoria para criticá-las e referências para ações coletivas visando transformá-las.⁵⁰

A análise de Eder Sader também dá ênfase a um sujeito coletivo que se reconhece como tal em suas experiências coletivas, nos espaços propícios para as relações cotidianas populares. Sader fala que são diversas as formas de organização social, variando de acordo com os interesses e ocasiões de cada grupo, e que são nesses momentos que os grupos se afirmam grupos operários. Mais do que simples espaços de descanso ou descontração, é durante a socialização em ambientes ou grupos comuns que os trabalhadores das fábricas poderiam se articular e se reconhecer como pertencentes de um mesmo grupo comum.

Se pensarmos num sujeito coletivo, nós nos encontramos, em sua gênese, com um conjunto de necessidades, anseios, medos, motivações, suscitado pela trama de relações sociais nas quais se constitui. Assim, se tornarmos um grupo de trabalhadores residentes numa mesma vila da periferia, poderemos identificar suas carências, tanto de bens materiais necessários à sua reprodução quanto de ações e símbolos através dos quais eles se reconhecem naquilo que, em cada caso, é considerado sua dignidade.⁵¹

É nessas necessidades, carências e aspirações comuns que o indivíduo toma consciência de que está inserido em um grupo comum e, logo, toma a consciência de classe.

Sobre o sindicato dos trabalhadores do calçado, havia uma extensão do sindicato de Criciúma, que se desvencilha somente em 1996 com a estruturação de

⁵⁰ SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 162.

⁵¹ Ibidem, p. 58.

uma base própria em Sombrio. Em geral, em poucos momentos houve conflitos encabeçados pelo sindicato, registrados principalmente nos primeiros anos do *boom* calçadista sombriense. Esses conflitos foram iniciados principalmente por funcionários da Tiskoski e Rosa (mais tarde Terre), conforme Janine Rabelo (2005, p.25).

Segundo o sr. “Apolo”, além do apoio sindical, as manifestações só foram possíveis devido a participação dos profissionais do calçado que vinham de Novo Hamburgo. Segundo ele “quem vinha de fora era mais articulado, com mais conhecimento político”. Na ocasião, ele não participou das manifestações por haver intimidação de seus patrões. Além disso, na época o mesmo possuía apenas quinze anos.

Apesar das intimidações existentes, sr. “Apolo” afirma que o sindicato possuía força e conseguia defender os direitos dos trabalhadores. “Eles tentaram quebrar nós mais não conseguiram, não conseguiram mesmo, porque o pessoal que procurava o sindicato era muito bem atendido, desde o tempo do Tadeu⁵². Era um grupo muito fortalecido, muito unido,” afirma.

Após os primeiros anos onde foi registrado os conflitos houve um período mais calmo entre sindicato e fábricas. Somente em meados da década de 1990 que novamente há enfrentamentos. Dessa vez, com o fechamento das fábricas e com a busca dos pagamentos dos direitos dos trabalhadores. Em muitos casos, sob intervenção do sindicato e da justiça do trabalho, diversas fábricas foram obrigadas a entregar aos seus funcionários o próprio maquinário como parte do pagamento dos direitos.

Apesar desse período em que o Sindicato agia de forma mais atuante, não podemos considerar que o órgão era tão combativo a ponto de fechar as fábricas. Na realidade, esse período atuante foi já durante o processo de fechamento das fábricas. Como motivos relevantes para explicar a sucumbência dessas fábricas podemos citar o que Goularti Filho⁵³ nos coloca: a falta de inovação tecnológica do setor da região – que para no tempo- tornando o “setor sempre

⁵² Tadeu: segundo o depoimento do sr “Apolo”, Tadeu era um dos principais nomes do sindicato dos trabalhadores do calçado em Sombrio da década de 1980, quando ainda era vinculado ao sindicato de Criciúma. Ainda segundo o sr “Apolo”, geralmente as lutas e reivindicações encabeçadas por Tadeu eram bem articuladas e justas o que trazia bons resultados e melhorias ao trabalhador calçadista.

⁵³ GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 354-355p.

vulnerável às variações da política cambial”; a abertura comercial dos anos 90, deixando o setor impossibilitado de concorrer com o produto asiático; e a falta de uma “integração produtiva” do setor com demais setores de serviços e comércio na região, tornando o setor fortemente dependente da região do Vale dos Sinos.

CONCLUSÃO

Realizar esse trabalho envolvendo o município de Sombrio e o salto econômico vivenciado durante o período pesquisado me trouxe enorme satisfação. Além de trazer à luz dados sobre a forte influência que o setor calçadista teve sobre os trabalhadores dessa indústria, este trabalho poderá contribuir para afirmação da identidade de boa parte dos habitantes sombrienses.

Pretendeu-se com esse trabalho remontar um pouco mais sobre as relações sociais do trabalhador do setor no município, sua origem, bem como estudar a gênese desse desenvolvimento vivido a partir dos anos 80. Com isso, foi possível perceber que boa parte dos trabalhadores que vinham ocupar as vagas de emprego nessas fábricas de calçado vieram do próprio município, principalmente do meio rural, influenciados pela estabilidade salarial e pelo descontentamento com os rendimentos agrícolas. Percebeu-se também que outro grupo de trabalhadores, os que ocupavam cargos mais importantes ou que requeria mais técnicas, em muitos casos vinham da região do Vale dos Sinos e possuíam uma diferenciação salarial significativa em relação a trabalhador local. Diferenciação essa que viria a influenciar a relação entre os trabalhadores. As experiências trocadas entre os trabalhadores foram capazes de fortalecer um novo grupo na cidade: o trabalhador do calçado. Ainda foi possível perceber que além de oferecer essas determinadas oportunidades de trabalho, o setor explorou de forma violenta quem vivia do trabalho do calçado: cargas horárias excessivas, baixa remuneração e trabalho infantil são algumas das principais irregularidades levantadas durante a realização da pesquisa que contribuíram para a nossa afirmação de trabalho precarizado.

Por fim, podemos ainda concluir que apesar da grande movimentação industrial calçadista vivenciada no período em Sombrio, a indústria calçadista não foi capaz de se consolidar por um período maior, influenciando novamente nos rumos e relações entre os trabalhadores do setor. Foi possível perceber ainda que a indústria calçadista na região não foi capaz de se manter sólida com a abertura econômica e penetração do mercado estrangeiro no início dos anos 90. Como resultado, destacam-se aqui três importantes pontos: o fechamento de todas as fábricas de calçado no município que trabalhava exclusivamente com exportação; a migração novamente do trabalhador para outras regiões em que o setor prosperava (São João

batista, por exemplo); e o fortalecimento da indústria têxtil no município, onde boa parte da mão de obra do calçado buscou emprego.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8 ed. Campinas: Cortez, 2002. 200 p.

BELTRÃO, Leila Maria Vasquez. **A industrialização em sombrio/SC:** gênese e evolução. 2001. 162 f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da *belle époque*. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2001. 367 p.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade:** A vida rural e a migração para São Paulo. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. 245 p.

FARIAS, Vilson Francisco. **Sombrio 85 anos:** natureza, história e cultura. Sombrio: do autor, 2000. 328 p.

FRASSETTO, Lídia Licínio. **A indústria de calçados de São João Batista (SC):** Caracterização do sistema de produção. 2006. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 500 p.

GOULARTI FILHO, Alcides; ALMEIDA, André Scholl de; CARDOSO, Marlon Acássio Casagrande. **Sudesul:** suas concepções de desenvolvimento e suas estratégias no processo de planejamento 1956-1989. Artigo disponível no site: <<http://www.fee.tche.br>> Acessado em dezembro de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br>> Acessado em dezembro de 2013.

MARTINS, Rodrigo Perla. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no vale dos sinos na industrialização brasileira:** exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979. 2011. 198 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 332 p.

PRADA, Valentin Vazquez de. A indústria caseira. In MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flavio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História Moderna através de textos.** São Paulo: Contexto, 1989. p. 50-51.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ROSA DO SUL. Site oficial da Prefeitura. Disponível em: < <http://www.santarosadosul.sc.gov.br/>> Acessado em novembro de 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO. **Sombrio: crescendo com responsabilidade.** Criciúma: Persona, 1992. Revista da Gestão Municipal

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO. Site oficial da Prefeitura. Disponível em: <<http://www.sombrio.sc.gov.br/>> Acessado em outubro de 2013.

RABELO, Janine Raupp. **Os trabalhadores da indústria do calçado de Sombrio no período de 1970 a 1990.** 2005. 31f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 329 p.

SECRETARIA DE ESTADO DE COORDENAÇÃO GERAL E PLANEJAMENTO. **Santa Catarina: Estudo da evolução populacional segundo os municípios 1970-2010.** Florianópolis: SEPLAN, 1989. 254 p.

SCHEIBE, Luiz Fernando; PELLERIN, Joel. **Qualidade ambiental dos municípios de Santa Catarina: o município de Sombrio.** Florianópolis: FEPEMA, 1997. 153 p.

SINGER, Paul. **A formação da classe operária no Brasil.** 2 ed. Campinas: Atual, 1985. 80p.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. 3v.

ZANELATTO, João Henrique. Os operários da cerâmica vermelha de Morro da Fumaça. In: GOULART, Alcides Filho (org). **Ensaio sobre economia sul-catarinense.** Criciúma: UNESC. p. 109-131.

ENTREVISTAS:

GOULART, Teonaz. Entrevista concedida à Alexandre Souza da Silveira). Sombrio, novembro de 2013. 35 min.

SILVEIRA, João Batista da. Entrevista concedida à Alexandre Souza da Silveira). Sombrio, novembro de 2013. 40 min.

TRISTÃO, Manoel Duarte. Entrevista concedida à Alexandre Souza da Silveira). Sombrio, novembro de 2013. 2 f.